

Israel afirma que seu exército vai ocupar o sul do Líbano novamente

Debilitado, Hezbollah promete lutar contra o que chama de risco existencial

Sgt. Madelyn Keech/ Força Aérea dos Estados Unidos da América



Ministro da Defesa afirma que moradores deslocados só voltam quando Israel se sentir seguro

Enquanto o foco da guerra no Oriente Médio se desloca para o adiamento do ultimato de Donald Trump ao Irã, em outra frente Israel anunciou que irá ocupar militarmente o sul do Líbano mais uma vez, algo que fez de 1982 a 2000.

“As Forças de Defesa de Israel irão controlar as pontes remanescentes e a zona de segurança até o rio Litani”, disse o ministro Israel Katz (Defesa) nesta terça-feira (24), colocando em palavras o que a prática no campo de batalha já desenhava.

“As cinco pontes usadas pelo Hezbollah foram destruídas” sobre o Litani, disse Katz. O rio marca o limite da zona de exclusão que havia sido consagrada pela resolução 1701 da ONU, que tratou do cessar-fogo da guerra de 2006 entre o grupo pró-Irã libanês e o Estado judeu.

Isso gera temores no Líbano de uma anexação definitiva por parte do vizinho, como defendem abertamente os partidos de direita religiosa que integram a coalizão de Binyamin Netanyahu, advogados da ideia de um Grande Israel.

O Hezbollah disse que irá combater a ocupação. “É um risco existencial para o Líbano como um Estado”, disse o deputado Hassan Fadlallah à agência Reuters.

O território tem 850 km² (pouco mais que a área de Campinas, SP) e, no ponto mais ao norte, fica a 30 km de Israel. Na trégua estabelecida em 2024 entre os rivais após o Hezbollah atacar Israel em apoio ao Hamas na guerra pela Faixa de Gaza disparada pelos terroristas palestinos um ano antes, a área deveria ficar sob controle do Líbano.

Na prática, isso nunca aconteceu plenamente. O governo libanês quer retirar o controle militar histórico que o Hezbollah tem na região, mas não dispõe de força suficiente.

E Israel, que deveria ter se retirado, manteve cinco pontos de controle e inúmeros ataques a posições rivais desde o cessar-fogo.

Nesta terça, em crítica a Israel, o presidente do Líbano, Joseph Aoun, disse que a guerra poderia ter sido evitada caso Tel Aviv tivesse se retirado das áreas ocupadas no sul libanês e cumprido o acordo de cessar-fogo que havia sido firmado em 2024.

Com a guerra declarada pelo Estado judeu e os Estados Unidos contra o Irã, no dia 28 de fevereiro, a situação desandou. Após tubear, o Hezbollah passou a lançar foguetes e drones contra os israelenses.

As forças de Tel Aviv, que já haviam dizimado a liderança do grupo em 2024, voltaram à carga com pesados bombardeios que já deixaram mais de mil mortos no Líbano. Impotente, o governo local protestou, mas os soldados israelenses voltaram a operar no solo na zona-tampão. No país todo, mais de 800 mil foram deslocados.

Katz agora afirma que a região será controlada militarmente, ainda que não dê um prazo exato. Acerca dos 200 mil moradores da região, boa parte dos quais deixou suas casas rumo ao norte, ele voltou a dizer que eles só serão autorizados

a voltar quando “a segurança do norte de Israel esteja garantida”.

Ele não falou nada sobre a Unifil, a desdentada missão da ONU que em tese deveria ser a principal força no sul, ao lado do Exército libanês.

Enquanto o Hezbollah tiver capacidades, por mais degradadas que estejam, isso parece improvável. Na atual guerra, o grupo tem sido responsável por barragens diárias crescentes: no dia 22, o mais recente da contabilidade da Universidade de Tel Aviv, foram 85, ante 8 vindas do Irã.

A diferença é que a teocracia é mais precisa e perigosa, lançando mísseis balísticos que têm causado muitos estragos. A grande maioria dos lançamentos vindos do Líbano é de drones e foguetes sem guagem, usualmente abatidos.

Não se viu desta vez o grande deslocamento de 2023, na esteira do ataque terrorista do Hamas, quando 65 mil habitantes do norte de Israel deixaram suas casas na faixa fronteira. Locais expostos como Kiryat Shmona seguem sua rotina, sob fogo diário.

Tudo isso soa como um filme repetido, e é, mas desta vez alguns analistas creem que o Hezbollah sairá derrotado de vez do conflito. O problema maior está no risco da fragmentação ainda maior da política libanesa, onde os xiitas que integram o grupo são uma força importante e a organização também é um partido.

As sombras do passado não vêm apenas da ocupação, mas também da guerra civil entre as diversas facções que destruiu o país de 1975 a 1990, com forte impacto da invasão israelense, que chegou às portas de Beirute. Na capital libanesa, os ataques prosseguiram nesta terça, onde ao menos duas pessoas morreram.

Por Igor Gielow (Folhapress)

Milei volta a relativizar ditadura e faz acusações à esquerda

Na terça (24), dia de aniversário de 50 anos do golpe militar de 1976 na Argentina, o governo de Javier Milei lançou um documentário em que defende a visão de “memória completa”, com relatos de vítimas da ditadura e também de organizações terroristas da época.

A apresentação do filme feita nas redes sociais pela Casa Rosada diz que as novas gerações precisam entender esses eventos “sem ideologias ou censura”. O documentário, chamado “As Vítimas que Queriam Esconder”, tem uma hora e quinze minutos de duração.

“Amanhã [esta terça-feira] marca o 50º aniversário de 24 de março de 1976, uma data que exige conhecer toda a história, de ambos os lados e sem mentiras”, diz a mensagem oficial.

O vídeo foi divulgado antes de uma manifestação marcada para esta tarde na

praça de Maio, que deve reunir grupos de esquerda, peronistas e outros políticos críticos ao governo.

O governo Milei argumenta que muitas vítimas de ações estatais e grupos guerrilheiros não foram reconhecidas porque suas histórias não se encaixavam na narrativa oficial dos governos peronistas, sobretudo do casal Nestor e Cristina Kirchner.

Os governistas dizem que a esquerda no país distorceu a história do período, considerando apenas os crimes de Estado, mas ignorando a violência dos grupos guerrilheiros.

No vídeo, uma das histórias contadas é a de Miriam Fernández, uma neta recuperada que compartilha a descoberta de suas raízes. Durante a ditadura argentina, crianças eram tiradas de seus pais, muitas vezes militantes presos pela ditadura, e entregues a outras famílias. Até agora, as Avós da Praça de Maio

recuperaram 140 netos e ajudaram na condenação mais de 50 apropriadores de bebês.

No filme, Fernández afirma que não se considera uma vítima e destaca que sua infância foi feliz. Ao longo de sua adolescência, descobriu mais sobre sua origem e confrontou seus pais.

narra como sua família de criação a recebeu em sua casa sob uma situação complicada, onde uma menina foi trazida para ficar com eles temporariamente. Ela menciona que, após saber da verdade sobre sua adoção, não quis mais discutir o assunto, escolhendo sempre se identificar com a família que a acolheu.

Além dela, há o testemunho do filho de um ex-oficial militar argentino de Valle Larabure, que foi sequestrado em 1974 pelo ERP (Exército Revolucionário Popular), uma das organizações guerrilheiras ativas na Argentina na década de 1970.

“Na noite em que ele foi sequestrado pelo ERP, havia feridos e mortos. É o sequestro mais longo da história argentina, durou mais de um ano”, diz Arturo Laraburre: “É hora de pedir a união dos argentinos, de todos os argentinos. Temos um país maravilhoso e precisamos aproveitá-lo.”

Ao contrário de presidentes que o precederam desde a volta da democracia, em 1983,

o governo ultraliberal de Milei tem insistido na chamada “teoria dos dois demônios”, que equipara a última ditadura aos grupos que a combatiam.

Em diferentes ocasiões, mesmo antes de ser eleito, em 2023, o presidente afirmou que não existem provas confiáveis de que são 30 mil os desaparecidos durante o regime, apontando que, segundo a Comissão Nacional sobre o Desaparecimento de Pessoas, o número real é de 8.753.

Embora não tenha mais diálogo com Milei, a vice-presidente, Victoria Villarruel, é uma defensora dos militares e também já criticou em diferentes ocasiões organizações críticas ao período, como as Mães e Avós da Praça de Maio.

Os cortes nos gastos públicos promovidos pelo presidente atingiram o Centro da Memória, localizado no edifício que funcionava como um centro clandestino da ditadura para detenções e tortura, a Escola Mecânica da Marinha, em Buenos Aires.

Por outro lado, em preparação para o aniversário do golpe, o governo liberou documentos históricos da época da ditadura que revelam os métodos de censura do regime a livros e filmes.

Por Douglas Gavras (Folhapress)